

“Inventando Tradições”: As principais comemorações do Exército Brasileiro desde o final do século XIX aos nossos dias.

Cesar Machado Domingues*

As aspas que aparecem no título desta breve apresentação se devem ao fato desse conceito se basear na obra de Eric Hobsbawn. No entanto, embora tenha me apropriado da expressão, extrapolei os limites do conceito proposto pelo autor inglês, que definiu as tradições inventadas como “um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas”¹. Minha intenção foi incluir entre as tradições: a memória institucional e o uso da história na sua construção.

Cabe ressaltar que a expressão “invenção” não traz necessariamente qualquer cunho pejorativo, mas deve ser entendida no sentido de construção de uma tradição, que embora possa se basear em fatos históricos fartamente documentados, os manipula de modo a atender aos interesses vigentes.

Vou dar um exemplo: Passando na Região de Resende, nos deparamos com um cartaz que diz o seguinte: “Academia Militar das Agulhas Negras. Há 200 anos formando oficiais para o exército”. Afirmação compatível com o texto institucional no site comemorativo do seu bicentenário que afirma: “*A Academia Militar de hoje é a mesma Academia Real Militar, que iniciou suas atividades em 1811. No percurso destes duzentos anos, nos diversos lugares por onde passou, ela permaneceu imutável, sempre formando oficiais com elevado conhecimento técnico-profissional e cultura aprimorada, dotados de valores morais, éticos e inteiramente dedicados ao serviço da Pátria.*”²

Efetivamente a inauguração da Real Academia Militar, uma instituição portuguesa, se deu em 1811. E mesmo essa pode ser considerada originada de uma instituição ainda mais antiga: a *Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho*, criada no Rio de Janeiro em 1792. No entanto, o Decreto nº 1718, de 17 de junho de 1937, considerou a então Escola Militar do Realengo como tendo por “raiz histórica” a

* O Autor é Especialista em História Militar pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Graduado em História pela Universidade Gama Filho e Editor Responsável pela Revista Brasileira de História Militar. (www.historiamilitar.com.br)

¹ HOBBSAWN, Eric. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997. (p. 9)

² Texto assinado pelo General Enzo Martins Peri, disponível em: <http://bicentenario.aman.ensino.eb.br/> (os grifos são do autor.)

Academia Real Militar³, e assim a AMAN, criada em 1944, para substituir a antiga Escola do Realengo, se tornou “herdeira” da Academia Real Militar.

E a Escola criada em 1792?

Essa “deu origem”, oficialmente, ao Instituto Militar de Engenharia.

Cabe esclarecer que não se trata aqui de questionar a validade de se declarar a AMAN como “herdeira” da Academia Real Militar, em cujo prédio histórico funciona hoje o IFCS/UFRJ, mas apenas de reconhecer que isso foi uma escolha institucional. Um artifício da Memória. Pois outras datas também poderiam ter sido eleitas, também se baseando em argumentos válidos. 1792, 1822, 1874 - quando criada a Escola Militar da Praia Vermelha ou mesmo 1913, data de criação da Escola Militar do Realengo.

E que ninguém pense que esse comportamento é privilégio dos militares brasileiros, pois vemos construções semelhantes nas mais variadas épocas, lugares e grupos sociais, nos quais poderes constituídos ou em ascensão vão buscar legitimidade na associação com fatos e personagem do passado. E quanto mais distante no tempo estiver essa origem, certamente maior será a legitimidade. A não ser nos casos em que uma demonstração de ruptura com esse passado seja desejável.

Hobsbawn chega a utilizar a expressão “produção em massa”⁴ para caracterizar o surgimento de novas tradições na Europa entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. Para o autor, as novas tradições criadas a partir de 1870 eram “reflexos das profundas e rápidas transformações sociais do período. Grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, mas incrivelmente transformados, exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social”⁵

Certamente, como veremos mais adiante, não é coincidência que tradições tenham sido “inventadas” na mesma época no Brasil, após mudanças significativas como a Proclamação da República, o surgimento do Estado Novo e a Redemocratização.

Como afirmou Samuel Huntington, na obra o soldado e o Estado, “na visão militar, o homem só aprende pela experiência. Se tem pouca oportunidade de aprender pela própria experiência terá então de aprender pela experiência dos outros. Daí o gosto do militar pelo estudo da História. Pois a História é, na frase de Liddell Hart, “a experiência universal”, e História Militar, como disse Moltke, “é o meio mais

³ LUCENA, Luiz Castelliano de. Um Breve Histórico do IME (Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, 1792). Rio de Janeiro: IME, 2005. (p.4)

⁴ HOBSEBAWN. Op. Cit. (p. 271)

⁵ Idem.

eficaz de ensinar guerra em tempo de paz”. Desse modo, a ética militar dá grande valor ao estudo metódico e objetivo da História.⁶

No entanto, essa objetividade e preocupação metódica, ficam em segundo plano, quando se trata da construção da imagem da instituição que se deseja cultivar e dos exemplos que servirão para moldar os padrões de comportamento almejados para seus quadros.

Tal comportamento é bastante compreensível, se considerarmos que a instituição militar tem um compromisso maior com a formação de seus quadros e a manutenção de seus valores, do que com os parâmetros considerados válidos para caracterizar a História como conhecimento científico.

Morris Janowitz afirma que nas escolas militares a História serve como meio de “doutrinação dos futuros oficiais”⁷, ensinando não somente os procedimentos táticos e estratégicos adotados pelos grandes capitães, mas também lhes inculcando valores morais e éticos, visando sua preparação para a vida na caserna.

Dentre as “tradições inventadas”, Hobsbawn inclui aquelas “cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento”⁸ e nessa categoria certamente se enquadra a escolha de que deveria ser lembrado e comemorado. É sobre esse aspecto que gostaria de discutir.

Em seu livro *A Invenção do Exército Brasileiro*, Celso Castro trata da institucionalização de três importantes tradições do Exército: o culto a Caxias como seu patrono, as comemorações da vitória sobre a Intentona Comunista de 1935, e o dia do Exército comemorado em 19 de abril, data da primeira Batalha de Guararapes.⁹

Dentre as três, pretendo abordar a adoção do dia 25 de agosto como dia do soldado, durante muito tempo a data comemorativa mais importante do calendário do Exército, implementada a partir da década de 1920, e a recente incorporação do dia 19 de abril como “dia do Exército”.

Para Celso Castro, a decisão de cultuar Caxias num momento conturbado pelo tenentismo, seria alcançar, no plano simbólico “a afirmação da legalidade e do afastamento da política, a bem da unidade interna do Exército, despedaçada, nos anos 20, por diversas revoltas internas e clivagens políticas”.¹⁰

⁶ HUNTINGTON, Samuel P. *O Soldado e o Estado: teoria e política das relações entre civis e militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996. (P. 82)

⁷ JANOWITZ, Morris. *O soldado profissional: estudo social e político*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1967. (p. 222 – 223)

⁸ HOBSEBAWN. Op. Cit. (p. 17)

⁹ CASTRO, Celso, *A Invenção de Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2002. (p. 10)

¹⁰ Idem. (p. 20)

Penso ser indiscutível a importância de Caxias para História do Brasil e não pretendo entrar nos detalhes de sua biografia para defender ou contestar essa escolha, mas acredito que sua imagem de lealdade ao governo, em sua época, representado pelo Imperador d. Pedro II e suas inegáveis qualidades como comandante militar, contribuíram para que fosse escolhido como ideal no qual deviam se espelhar os militares. Naturalmente, para isso, realçavam-se os aspectos pertinentes de sua biografia, enquanto outros eram relevados, como sua intensa atuação política durante o Império. Esse inclusive é um aspecto bastante interessante e até mesmo contraditório, se considerarmos que Osório envolveu-se menos na política que Caxias. Por outro lado, Osório foi subordinado a Caxias e provavelmente isso, aliado a atuação de Caxias na repressão a revoltas internas, também tenha contribuído para a escolha deste como modelo ideal a ser seguido, principalmente se considerarmos o período em que se deu a consolidação de sua posição com patrono do Exército. Sem contar as eventuais preferências pessoais e políticas dos indivíduos que participaram desse processo.

O fato é, que até então, a mais importante comemoração do exército se realizava do dia da Batalha de Tuiuti – 24 de maio – e que o General Osório, comandante militar naquele episódio era o grande homenageado.

A professora Adriana Barreto afirma que até o ano de 1883 os jornais da Corte não noticiavam a realização de qualquer comemoração da batalha de Tuiuti e que o primeiro registro lembrando o acontecimento se encontra numa edição do Jornal do Comércio de 1884¹¹. No ano seguinte a Batalha passou a ser lembrada anualmente na primeira página do jornal “O País”, fundado pelo republicano Quintino Bocaiúva. Isso ajuda a compreender porque, em 1910, após a proclamação da República, o Presidente Campos Salles criou a medalha do mérito militar fixando a data da entrega no dia 24 de maio, incluindo assim a Batalha de Tuiuti na lista de comemorações oficiais da capital. Segundo essa mesma pesquisadora, “A comemoração que aparece na literatura militar como um fato imemorial e popular é sem dúvida uma invenção republicana que tem início no governo Campos Sales, em 1901. Só então as comemorações da batalha do Tuiuti passam a ser registradas anualmente na capital da república.”¹²

Cabe ressaltar ainda que o fato de Osório ter tido destacada atuação no partido liberal, o tornaria figura adequada a servir de exemplo dos valores que se pretendia promover. Um artigo do jornal “o País”, citado no trabalho de Adriana Barreto, “depois de lembrar que Osório havia se “... entregado as lutas políticas prestigiando a

¹¹ BARRETO, Adriana. Osório e Caxias: os heróis militares que a república manda guardar In: Revista Varia História n. 25 . Belo Horizonte: PPG/UFMG, 2001. (p. 240)

¹² BARRETO, Op. Cit. (p. 242)

propaganda democrática do partido liberal histórico", recupera um suposto depoimento de Osório em que ele "... vaticinava que o futuro pertencia à república"¹³.

No entanto, a representação de Osório - usualmente retratado em trajes relativamente informais - que vinha sendo criada no imaginário popular e militar como "homem do povo", era de um herói bastante rebelde: amado por seus comandados; pouco ligado aos ritos da hierarquia e disciplina e que havia "defendido" a mudança do regime.

Também citado por Adriana Barreto, outro artigo publicado no Jornal "O País" em 25 de maio de 1903, relata as comemorações extra-oficiais da Batalha de Tuiuti ocorridas na Escola Militar da Praia Vermelha. Na ocasião, "um grande entusiasmo tomou conta do refeitório e, em meio a vários discursos que criticavam o novo governo civil, os alunos levantavam brindes aos veteranos do Paraguai, representados na figura de Nespúcio e simbolicamente na de Osório. Depois de fazer uma longa exposição dos principais episódios da batalha do Tuiuti, aquele veterano de guerra sairia "carregado em triunfo"¹⁴. No final do ano seguinte, os alunos da Escola se envolveriam na Revolta da Vacina e a Escola da Praia Vermelha seria fechada.

Da proclamação da República até 1922, José Murilo de Carvalho registra 12 revoltas e rebeliões envolvendo militares do Exército e da Marinha¹⁵ e particularmente a década de 1920 é caracterizada como uma época de crise. No ano de 1922 ocorreu a Revolta no Forte de Copacabana, como os "18 do Forte", que marcou o início do "Tenentismo" e, se considerarmos corretas as proposições de Hobsbawm, a proposta da instituição do "culto a Caxias" em 1923, pode ser entendida como uma reação ao envolvimento constante de militares em rebeliões contra o governo.

Assim, a partir da sugestão de um membro do IHGB¹⁶ em 1923, prontamente aceita pelo então comandante do Exército – General Setembrino de Carvalho, o aniversário de Caxias passou a ser comemorado e dois anos depois, essa data foi escolhida como "dia do soldado".

Para a compreensão do processo de elevação de Caxias a condição de Patrono do Exército, deve-se considerar entre outros fatores o fato do então Ministro da Guerra no Governo Artur Bernardes, General Setembrino de Carvalho, que prontamente acatou a sugestão para que Caxias passasse a ser cultuado, ter se destacado defendendo a ordem estabelecida na intervenção federal no Ceará em 1914, no Contestado entre os anos de 1914 e 1916 e na repressão ao movimento

¹³ Idem (p.243)

¹⁴ Idem

¹⁵ CARVALHO, José Murilo de. As Forças Armadas na Primeira República: O Poder Desestabilizador. In: Forças Armadas e Política no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. (Quadro nº 1 - p. 15)

¹⁶ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

tenentista em 1922. Nas palavras de Frank McCann, este militar tinha “raízes profundas no velho exército saído do império, e não na ala reformista da oficialidade”. E que, embora apoiasse a modernização, concebia o Exército “como instrumento de um governo e de uma sociedade que se alicerçavam na política dos governadores”¹⁷.

A própria idéia de se ter um patrono era nova. Como afirma Celso Castro, “o termo “patrono” não existia até então na tradição militar brasileira”¹⁸ e o primeiro registro se dá em 1925, quando a turma formada na Escola Militar do Realengo – a primeira depois do esvaziamento da Escola provocado pela revolta tenentista de 1922 – decidiu, por sugestão de um conselheiro da Missão Militar francesa, adotar a tradição francesa de escolher um nome que pudesse servir de inspiração aos novos oficiais. Cabe ressaltar que em francês a palavra “patron” pode significar patrono (protetor) ou padrão (modelo).

Foi também a partir de 1925, por determinação do Ministério da Guerra, que no aniversário de Caxias se passasse a comemorar o “Dia do Soldado”. Desde então a comemoração foi crescendo em importância, enquanto declinava o culto a figura de Osório, que em 1940 seria citado pela primeira vez como “Patrono da Cavalaria”. Desde 1970, no dia 24 de maio, que além da Batalha de Tuiuti, também marca o nascimento do Brigadeiro Sampaio, foi escolhido para se comemorar o “dia da Infantaria”, o que se mantém até hoje.

Conforme afirma José Murilo de Carvalho, o Exército que emergiu da Revolução de 1930 era “uma organização fragmentada”¹⁹, que se refletia numa extensa lista de protestos, revoltas, agitações e outras manifestações de indisciplina ocorridas na instituição ao longo dos anos de 1930.

Esse mesmo autor reconhece em outra obra que houve por parte dos militares um grande esforço para eliminar essa divisão, incluindo nesse processo as tentativas de reduzir as influências positivistas que ainda se mantinham presentes no exército que dificultavam sua “profissionalização”. No campo das representações é significativa a mudança da posição da estátua de Benjamin Constant, de uma posição central da Praça da República para um lugar de menor destaque e, mais ainda, a escolha de Caxias como símbolo “não só da união militar, mas da união da própria Nação”²⁰.

Em 1931, pela primeira vez um Presidente da República comparece a festa do “Dia do Soldado” que gradualmente vai crescendo em importância. Por outro lado, como afirma Celso Castro, a partir de 1930 as mensagens e discursos oficiais realçam

¹⁷ McCANN, Frank. Soldados da Pátria. História do Exército Brasileiro 1889-1937. Rio de Janeiro: BibliEx, 2009. (p. 300 -301)

¹⁸ CASTRO. Op. Cit. (p. 18)

¹⁹ CARVALHO, José Murilo. Forças Armadas e Política 1930-1945, In: Forças Armadas e Política no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. (p. 63)

²⁰ CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (p. 53)

não só a legalidade e a disciplina representadas na figura de Caxias, mas também seu papel como comandante das lutas pela pacificação e manutenção da integridade territorial do país. E, a partir de 1937, com a Ditadura do Estado Novo “a imagem evocada de Caxias passou a destacar cada vez mais sua autoridade e suas qualidades de chefe militar a serviço de um estado forte.”²¹

Assim, desde 1923, ao longo de três décadas o culto a Caxias foi se consolidando até que em 1949, sua estátua foi transferida do Largo do Machado para frente do novo prédio do Ministério da Guerra, onde foi erguido um panteão destinado a abrigar seus restos mortais, que lá estão até hoje.

Também até hoje, os cadetes da AMAN recebem seus espadins tradição iniciada em 1932, durante as reformas implementadas pelo Coronel José Pessoa, então comandante da Escola Militar do Realengo. Esses espadins – cópia da espada que Caxias teria usado na Batalha de Itororó – são apresentados a eles como símbolos da própria honra militar e os acompanham até o final de sua formação, quando são repassados a novos alunos.

Talvez para suprir as lacunas no calendário deixadas por comemorações que não faziam mais sentido, como a Intentona Comunista de 1935 e o Golpe Civil-Militar de 1964, talvez por necessidade de exemplos que melhor representassem os novos tempos, em 1994, durante o governo Itamar Franco, e sendo comandante do Exército o General Zenildo Lucena, pernambucano de nascimento, foi instituído por decreto presidencial o Dia do Exército a ser comemorado na data da Primeira Batalha de Guararapes, ocorrida em 19 de abril de 1648. Inventava-se então uma nova tradição.

Não pretendo aqui aprofundar a discussão sobre os méritos do episódio como marco da criação do Exército. São notórias as contradições e anacronismos, afinal naquela época não existia o Brasil, muito menos um Exército Brasileiro e mesmo a expressão Pátria, que teria sido incluída num documento dos rebeldes pernambucanos, não tinha naquela época o mesmo significado que tem hoje.

No entanto, entendo que como mito fundador tanto da nacionalidade, quanto do Exército, Guararapes pode muito bem ser aceito. Afinal os pernambucanos rebelados contra o domínio da Companhia das Índias Ocidentais holandesa, sejam quais forem os motivos da sua revolta, efetivamente expulsaram invasores estrangeiros do que posteriormente seria o Brasil e se não o tivessem feito, certamente o País não existiria da forma que é hoje.

Além disso, penso que mitos fundadores são representações que não necessariamente dependem de respaldo científico para se consolidarem. Afinal é

²¹ Castro. Op. Cit. (p. 22)

necessário distinguir História e Memória como percepções diferentes do passado. Pois se o saber histórico demanda uma análise mais crítica e metódica, a memória é certamente bem mais seletiva. E a memória da Batalha de Guararapes serve bem a imagem que o Exército Brasileiro deseja cultivar. Pois vejamos:

Trata-se do enfrentamento de um inimigo externo, europeu, ao invés dos tradicionais inimigos internos ou regionais que hoje integram o Mercosul e a quem não é conveniente constranger com a rememoração de batalhas onde foram derrotados.

A Batalha de Guararapes também é lembrada no imaginário nacional como berço da nacionalidade pela participação das “três raças” que teriam constituído o povo brasileiro, representadas nos cinco principais líderes militares – Barreto de Meneses; João Fernandes Vieira; André Vidal de Negreiros; Felipe Camarão e Henrique Dias – e assim reforça a imagem vinculando o surgimento do Exército com o surgimento da própria Nação Brasileira.

Além disso, a própria característica da Campanha, que por muito tempo foi travada através de táticas de guerrilha, contra um inimigo mais forte se enquadra na atual doutrina de um Exército que tem consciência de suas limitações frente aos potenciais adversários na proteção dos interesses nacionais.

Isso tudo se reflete na mensagem do então Presidente Lula, por ocasião das comemorações do dia do exército em 2005 que em certo trecho diz o seguinte:

A união das raças, o emprego de técnicas militares inovadoras, a demonstração de criatividade, o sentimento patriótico e os valores morais que nortearam os combatentes de então podem ser observados, na atualidade, como fatores motivadores dos integrantes do Exército.

Já a Presidente Dilma Roussef, por ocasião das comemorações do dia do Exército no ano de 2011, após reconhecer ser “muito apropriada” a escolha do dia 19 de abril para se comemorar o Dia do Exército, afirmou que a Batalha de Guararapes contribuiu para “cimentar as bases de nossa nacionalidade” numa época em que “já existiam brasileiros. Homens e mulheres, brancos, negros e índios dispostos a arriscar suas próprias vidas contra o invasor estrangeiro, em defesa dos interesses da Pátria.”

Na mesma mensagem, Dilma Roussef após a referência a Guararapes “esquece” convenientemente os feitos do Exército nos séculos seguintes e só faz referência ao “valor inestimável” das ações de cunho social desempenhadas no interior do Brasil e ao reconhecimento “pelas conquistas de nossos pracinhas em solo europeu, durante a Segunda Guerra Mundial, e pela participação em missões de paz da Organização das Nações Unidas em todo o mundo.”

Abril de 2012

Assim sendo, atualmente o aniversário de Caxias embora ainda seja lembrado, a exemplo do que ocorreu antes com Osório e a Batalha de Tuiuti, parece já estar superado como data máxima no calendário de comemorações do Exército Brasileiro. Uma indicação dessa superação está na lista de materiais de divulgação desenvolvidos pelo Exército para as duas comemorações realizadas em 2011. A variedade e quantidade de materiais produzidos para a campanha de divulgação do “Dia do Exército”, que inclui: mídias digitais, encartes em revistas, anúncios em ônibus, “outdoors”, e até mesmo cartões telefônicos, contrasta com a “cartilha” e os pequenos cartazes, que serviram para divulgar o dia do soldado.²²

Como afirma Celso Castro, As memórias que essas comemorações celebram não são “simples narrativa sobre eventos e personagens que habitam um passado muitas vezes remoto, nem fruto de um mero interesse de antiquário”. São representações que estabelecem uma relação do presente com o passado e para sua compreensão é preciso analisar o contexto histórico em que são criados e no qual se desenvolvem.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA MILITAR

Ano III – nº. 07

²² A relação dos materiais utilizados para as campanhas de divulgação encontram-se disponíveis no site do Exército Brasileiro. O material da campanha do Dia do Exército está Disponível em: <http://www.exercito.gov.br/web/guest/produtos-da-campanha> e o do Dia do Soldado, disponível em: <http://www.exercito.gov.br/web/guest/produtos-da-campanha1>. Consultas feitas em 22 de agosto de 2011.